

A nova ideologia econômica da ciência e a repolitização do campo

Maurício Serva¹
16/06/2016

Nas duas últimas décadas, se intensificou um processo de sofisticação do armazenamento, classificação e hierarquização da produção científica escrita, o qual é promovido e suportado por grandes empresas de TI, em sua maioria sediadas nos EUA. Tais empresas auferem grandes lucros ao explorar os relatos científicos como um produto em nível internacional se constituindo, portanto, em multinacionais do campo científico. Algumas delas são também editoras ou empresas prestadoras de serviços de TI, enquanto outras são apenas as chamadas “bases de dados”. Seus lucros provêm da cobrança pelo acesso aos seus arquivos, seja pelos vultosos contratos com bibliotecas de universidades em todo o mundo, com institutos governamentais, como também pelos acessos cobrados à indivíduos interessados, em geral os próprios cientistas. A classificação dos relatos científicos escritos (artigos, em sua maioria), bem como das revistas que os divulgam gera rankings e indexações, nos quais são hierarquizados por importância os artigos que supostamente são mais consultados e citados pelos próprios cientistas em seus respectivos campos. Das grandes editoras de livros do século passado às bases de dados da atuais, o mercado do dito produto científico se ampliou e se sofisticou dramaticamente.

Essa fonte de negócio, uma das mais significativas da atualidade, acabou se revestindo de uma das ideologias mais requintadas (elas próprias apresentadas com um forte aparato tecnológico) do Séc. XXI ao ser percebida como detentora de uma autoridade quase que inquestionável para estabelecer o que é científico e que é a boa ciência, ou “ciência de qualidade”. A ideologia se espalhou com grande força ao ser adotada sem reservas por órgãos governamentais em muitos países, tais como ministérios de educação, agências reguladoras de educação, ciência e tecnologia, institutos e conselhos nacionais de pesquisa, grandes universidades, dentre outros. Um dos efeitos dessa adesão cega à tal ideologia é que a atribuição de recursos para pesquisa a organizações e a cientistas individuais passa a ser definida em função da posição alcançada por tais atores nos referidos rankings e indexações. Nos programas de formação de cientistas, como por exemplo na área de administração, o “bom pesquisador” é aquele que consegue publicar artigos em *indexed journals*. Representantes das bases de dados, muitas vezes professores contratados junto a determinadas universidades, viajam mundo afora ensinando as fórmulas de “como publicar num *journal*”. Doravante, fazer ciência parece estar reduzido a publicar *papers*.

Essa ideologia sofre, entretanto, um processo de questionamento em todo o mundo, ainda que em seu início. Cada vez mais abre-se um debate interessante sobre a legitimidade das bases que sustentam a nova ideologia econômica da ciência, bem como as suas implicações na carreira e na vida pessoal dos cientistas e professores. Sob diversos rótulos, tais como gerencialismo da ciência, produtivismo, industrialização, *slow science*, *burn out* e stress de cientistas e professores, esse início de questionamento vem repolitizando o campo científico a partir dele próprio. Seus efeitos são imprevisíveis, tornando o debate sobre o fenômeno ainda mais instigante.

Partindo da sociologia da ciência, o Colóquio de Epistemologia² abre espaço para trabalhos que contribuam para essa repolitização do campo científico da administração.

¹ Doutor em Administração. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD/UFSC).

² Para maiores informações: www.coloquioepistemologia.com.br